

## As narrativas do poder: aproximações cambiantes entre jornalismo narrativo e decolonialidade

*Las narrativas del poder: aproximaciones cambiantes entre el periodismo  
narrativo y decolonialidad*

*The narratives of power: changing approaches between narrative  
journalism and decoloniality*

**Guilherme Silva da Cruz<sup>1</sup>**

### Resumo

A mirada da *nueva crónica latinoamericana* possibilita visualizar diálogos com o pensamento decolonial. As movimentações desses grupos principiam uma propulsão interdisciplinar. Esse trabalho realiza um levante para o entendimento, diagnóstico e análise dessa movimentação que envolve o desmantelamento de representações dominantes, articulação do imaginário, ampliação da atuação política e percepção de ondas contra-hegemônicas na América Latina.

*Palavras-Chave:* Modernidade/Decolonialidade, Jornalismo narrativo, Representação política, *Sujeto metafórico*, Imaginário social.

### Resumen

La mirada de la *nueva crónica latinoamericana* permite visualizar diálogos con el pensamiento decolonial. Los movimientos de estos grupos empiezan una propulsión interdisciplinar. Este trabajo hace un soporte para la comprensión, diagnóstico y análisis de esta movimientación que implica el desmantelamiento de las representaciones dominantes, articulación del imaginario, expansión de la actividad política y la percepción de ondas contra-hegemónicas en América Latina.

*Palabras claves:* Modernidad/Colonialidad, Periodismo narrativo, Representación política, *Sujeto Metafórico*, Imaginario social.

### Abstract

The look of the *nueva crónica latinoamericana* makes possible to visualize dialogues with decolonial thinking. The movements of these groups begin an interdisciplinary drive propulsion. This work carried out an understanding, diagnosis and analysis of this movement that involves the dismantling of dominant representations, articulation of the imaginary, amplification of the political action and perception of counter-hegemonic waves in Latin America.

*Keywords:* Modernity/Decolonity, Narrative journalism, Politic Representation, *Sujeto Metafórico*, Social imaginary.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina; UNILA; Foz do Iguaçu, PR, Brasil; [guilhermecruzz@live.com](mailto:guilhermecruzz@live.com). Trabalho apresentado no I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2017.

## 1. Introdução

Quando Enrique Dussel (1994) fala sobre os rostos múltiplos de um povo uno, a busca por empoderamento e a ênfase em resistências dialoga um princípio de visibilidades e de transformações. Quando Alberto Salcedo Ramos (2007) resolve refletir sobre a *crónica* e se utiliza da mesma analogia para realçar os passos do formato textual que seria o “rosto humano da notícia”, reafirma processos de concretude de visibilidades e de transformações. Falar em rosto, nesses dois casos, é referendar um ponto em comum no exercício de reconfigurar a noção sobre a identidade latino-americana. Colocar um espelho na frente desses rostos, com corpos que se individualizam, se mesclam na comunidade e transcorrem como narrativas nos espaços de disputa, é um desafio de combinação e aceitação da multiplicidade. Os discursos de Dussel e Ramos estabelecem uma conexão enquanto maneiras de lançar luz para outras histórias, refletindo um *encubrimiento* político e social. Transcendendo uma barreira comum de controle e dominação de rostos, corpos, comunidades, conhecimentos e narrativas. Para o filósofo argentino é a partir do *ego cogito* do “conquistador” que os processos de dominação subjetivo, físico e simbólico impõe um encobrimento social heterogêneo que age em diferentes aspectos perante a racionalidade eurocêntrica e do mito da modernidade; já para o jornalista colombiano a *crónica* coloca ao fato noticioso a possibilidade de interpretação pelo marco de outras visões, desarticulando interesses e padrões hegemônicos.

Esse trabalho visa iniciar um diálogo entre as duas correntes de pensamento e produção, referendado pelos autores acima citados – o jornalismo narrativo e o grupo teórico *modernidad/decolonialidad*. Grupos que fortalecem os meios de desconstrução do pensamento hegemônico, uma força que representa e exerce papel de autoridade em diferentes áreas nas sociedades latino-americanas. Para isso, nesse princípio de discussão se expõe um levantamento bibliográfico das discussões e pontos divergentes e convergentes desse diálogo cambiante. Para tanto, pontua-se a produção jornalística que a crítica classifica como *nueva crónica latinoamericana*, uma rede de jornalistas adeptos do estilo de escrita referendado ao jornalismo narrativo. A crescente importância do gênero, por conta da facilidade de divulgação por plataformas digitais, alia-se a pluralidade de vozes criadoras nos moldes de como retratar e narrar a região. Essa forma de atuação possibilita criar um paralelo ao pensamento decolonial, capitaneada por autores como Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Arturo Escobar. A viabilização dessas outras narrativas propagam vivências e sabedorias

latentes, assim como seus diálogos e pontos convergentes que expõem movimentos socioculturais de ascensão de uma amplitude da atuação política do sujeito latino-americano. O princípio dessa investigação visa indicar pesquisadoras e pesquisadores que iniciaram a articulação dessas propostas, revisando, e indicando complementariedades dos objetivos de cada grupo, sem exercer uma classificação ou engessamento. Mas indicando um caminho que se desenvolve em distintas pesquisas das áreas de Comunicação e Ciências Sociais. Portanto, enlaça-se com esse trabalho, outras formas políticas de representação no panorama contemporâneo de movimentos contra-hegemônicos.

## 2. Primeiro movimento: decolonialidade

Compreender que a criação dos Estados-Nação, a divisão trabalho, a hierarquização étnico-racial, e a vigilância e influência direta nas relações intersubjetivas da sociedade pela expansão colonial são marcas fundantes da crítica decolonial. Perceber esses elementos é desmascarar a fronteira subserviente, classificada como periférica, na busca da superação da colonialidade do pensamento latino-americano, e incluir novos elementos de coesão na narrativa do discurso global. O mito da descolonização, citado por Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (2007), leva a desconsideração da tese de um mundo desvinculado da colonialidade. O que está posto, a partir dessa visão, é reconsiderar os movimentos contemporâneos como um contínuo de exclusões e violências formadas desde a chegada de Colombo em 1492, segundo os autores. E que atualmente se desenvolvem, e se observam em práticas de controle de multinacionais, Estados e entidades globais.

De ahí que una implicación fundamental de la noción de ‘colonialidad del poder’ es que el mundo no ha sido completamente descolonizado. La primera descolonización (iniciada en el siglo XIX por las colonias españolas y seguida en el XX por las colonias inglesas y francesas) fue incompleta, ya que se limitó a la independencia jurídico-política de las periferias. En cambio, la segunda descolonización —a la cual nosotros aludimos con la categoría decolonialidad— tendrá que dirigirse a la heterarquía de las múltiples relaciones raciales, étnicas, sexuales, epistémicas, económicas y de género que la primera descolonización dejó intactas (GROSGOQUEL, CASTRO-GÓMEZ, 2007, p.15)

A superação proposta pelos autores é uma noção de libertação pensante que invade o cotidiano das pessoas. Porém, endossa uma atitude jurídico-política à longo prazo. A

complexidade dos processos envolvidos, e suas ambivalências, confirmam um padrão de poder que, segundo a proposta, desde a formação inicial do sistema-mundo com a acumulação do capital acarreta uma mescla dos discursos preconceituosos e o adensamento de sua constituição (2007, p.17). A ampliação dos saberes, pensamentos e ações envolvidas, para além do binarismo centro-periferia, se faz necessário pela inserção da *diferencia colonial* no centro dessas produções. A ideia de *diferencia colonial* insere esse local como referência por quem experienciou as ações da colonialidade. Processos de inferiorização, preconceitos, hierarquizações e classificações que dotam como agentes ativos que configuram esse local – “Ontologicamente, se presupone que hay seres humanos inferiores; epistemicamente, se presupone que los seres humanos inferiores son deficientes tanto racional como esteticamente” (MIGNOLO, 2015, p. 41). A subalternização do pensamento, língua, e culturas são formações dessa *diferencia colonial* promovida pela ação hegemônica. Portanto, incluir essa ideia no debate e nas construções e pontos de tensões, se configuram como forma de resolução e transcendência. E é nesse meio-ação que aponta-se na produção simbólica, a valorização dos processos comunicacionais e de fomentação do imaginário – pela garantia da visibilidade, e pela quebra de arquétipos valorizados pela atuação dominante.

### 2.1. Segundo movimento: *nueva crónica latinoamericana*

As escritoras e escritores do jornalismo narrativo traçam suas ideias com o auxílio de inúmeras técnicas e, compartilhando com a ideia de Puerta (2011), reforça-se a conjunção de contar histórias com o compromisso de informar de maneira atemporal. Um híbrido entre literatura e o jornalismo. O jornalismo narrativo fundamenta sua escrita na concepção da forma de *mirar o(s) mundo(s)*. Portanto, a/o cronista está no território de sua realidade perante uma interação que diz: “este soy yo, mirando, con mis obsesiones, mis prejuicios, mis limitaciones, mi identidad, mi sexualidade” (ANGULO, p. 13, 2014). Essa desmistificação do distanciamento é um dos passos referentes de sua maneira de produzir. Dessa maneira, Restrepo e Rojas (2010) refletem que nesse distanciamento, encontrado em padrões de atuação da figura comunicativa dominante, se aloja uma substância da superioridade epistêmica que inferioriza e inviabiliza outros conhecimentos nos marcos científicos (p. 138). A objetividade e o distanciamento na ciência – como no jornalismo – colocam uma condição de pretensa universalidade. Universalidade que julga, reduz e desarticula conhecimentos,

grupos e indivíduos. A função da objetividade, do distanciamento e a condensação da informação no *lead* – modelo de escrita noticiosa, no qual existe uma hierarquia de importância dos fatos – torna-se uma prática, que por si só, alimenta um descrédito ao funcionamento do aparato comunicacional dominante e destaca um primeiro movimento contra-hegemônico do jornalismo narrativo. Portanto, esse é o elemento que se traz para o centro de análise nesse trabalho, com o sujeito que emana *eu's* atrelados aos fatos, ao compromisso estético, e a visibilidade de temas, pessoas e grupos marginalizados pela grande mídia que fomenta uma representação caricata, sem encarar a complexidade dos agentes sociais envolvidos. A *crónica*, ferramenta do jornalismo narrativo, em sua forma e conteúdo pluraliza a representação simbólica da América Latina.

a crónica de la que estamos hablando se posiciona fuera del *statu quo* producto de las representaciones que alimenta el discurso “de clase” predominante en el lector de la prensa masiva. De ahí, su estatuto transgresor que altera la comodidad de las representaciones sociales instituidas por el periodismo hegemónico, pues abordan las tensiones sociales haciendo emerger el conflicto. (ZIMMERMAN, 2010, p.87)

A *nueva crónica latinoamericana* é o contraponto do modelo industrial de produção focado no entretenimento e na redução da força do imaginário social. Ocasionalmente o controle da informação e a resignificação de visões eurocêntricas, além de retroalimentar preconceitos e estereótipos. Informar para além do fato, relação temporal flexível e narração interpretativa são alguns dos elementos que possibilitam distinguir essa rede de jornalistas. As diversas revistas especializadas, projetos especiais, livros e oficinas relatam uma amplitude na difusão desse gênero textual.

Os territórios interpretados por esses jornalistas tornam-se espaços interculturais. A fronteira invertida e transpassada, um lugar que se diluiu pelo diálogo – no encontro de uma multiplicidade de categorias e formações de redes, que podem se visualizar na proposição de Walter D Mignolo (2009) na formação do *pensamiento fronterizo*. Segundo o autor, o *pensamiento fronterizo* é resultante da *diferencia colonial*, e insere as vivências que transcendem sua mobilidade subjetiva no mecanismo dominante da modernidade eurocêntrica. Uma relocação da força do seu local experienciado na colonialidade, que ascende perspectivas outras do marco do sistema mundo. Trazendo consigo o que era *encubierto*. Desse modo, as *crónicas* desses jornalistas, nesse ponto fronteiriço, se tornam

outro fator de reafirmação cultural e identitário de um outro olhar sobre a comunicação e a sociedade *latinoamericana*. Ao se posicionar num contra-fluxo de uma comunicação massiva-hegemônica, os autores e autoras dessa corrente também iniciam uma disputa epistemológica que desestabiliza posicionamentos "oficiais". Uma viagem em busca da "palavra roubada" que foi deslegitimada, sem rosto, renegando identidades, como salienta Muniz (2013).

As *crônicas* na atualidade multiplicam temas que abarcam o ciclo violento sobre a política, sobre os corpos, na sexualidade, na economia, no trabalho, no cotidiano, no machismo, no racismo, nas ruas, no cárcere, etc. Temas que se identificam dentro do padrão colonial de poder (QUIJANO, 2005), e representam sua atuação e silenciamento na vida concreta das pessoas. Então, gritar a palavra não é somente ação física, mas atitude epistemológica de mudança – "palavras como pluralidade, interculturalidade e autonomia" (2013, p.8). A quebra da naturalização desse processo de colonização moderna – nesse caso, por intermédio do jornalismo – contribuiu para a eliminação, ou no mínimo a problematização, das relações formais de poder e de controle. Desregulação resultante, no marco jornalístico, pela fortificação da possibilidade de outra narrativa, assegurando a relevância de um texto jornalístico com pautas e recortes que dinamizam o imaginário e os territórios simbólicos da região. Na reconfiguração do poderio e da importância da palavra na forma de poetizar a informação, e aprofundar o fato, entre emancipações do imaginário e da memória social. Ação política que torna-se uma fonte de outras miradas sobre as problemáticas e resoluções históricas na busca por novas correntes de pensamento e atuação.

### 3. Considerações finais

Os meios de comunicação dominantes, frequentemente se colocam como agentes cristalizadores do *sistema-mundo moderno colonial*. Um instrumento que reconfigura, desenvolve e retroalimenta a sua constituição entre as ideias do diário, massivo e empresarial. O jornalismo hegemônico, referendado pela concentração convertida em monopólio, é traduzido por um forte aparato empresarial, no sentido atuante por meio do poderio econômico e político de influência. Esse modelo jornalístico continuamente recorre as ferramentas de controle que o grupo *decolonialidad/modernidad* denunciam – a colonialidade do poder, *diferencia colonial*, colonialidade do ser, a formação sistema-mundo, etc – forçando

em sua *torrente de imagens* (GITLIN, 2003) influências sobre subjetividades e o imaginário simbólico dos povos.

A formulação *del giro decolonial* descreve a multiplicidade do embate, no qual o jornalismo narrativo pode se tornar uma opção válida de atuação e desmantelamento na experiência da produção jornalística desvinculada – em certa medida – desses aparatos de controle. Uma ação que engendra linguagem, técnica e prática de uma outra vivência dentro da comunicação, com formação múltipla de se tornar *narrador* absorvendo estigmas e padrões comportamentais desde seu local, desde a *diferencia colonial*. Recombinando, desse modo, as proposições experienciais da comunicação ao leitor e leitora. Atitude que emancipa um *entre-lugar* desde o território do jornalismo hegemônico e empresarial; agora, como um meio da experiência vivida e reflexionada. Em nossa análise foca-se a produção existente por outra via, a do jornalismo narrativo – não tão transgressor como nos casos de projetos comunicacionais de povos indígenas. Segundo, María Cristina Mata (2016), articulação entre comunicação e política demonstra uma luta pelo poder político, pela existência, e a essência do empoderamento da comunicação de povos indígenas transcende experimentações discursivas, expõe outras modalidades de narrativas e compreende a necessidade de abertura de diálogo. A sua emancipação e importância no espaço público sob o entendimento de uma nova maneira de se comunicar. Claudio Andrés Maldonado Rivera (2014), em sua pesquisa, conclui que a comunicação *mapuche* habita-se de “narrativas que hablan desde un *locus* de enunciación que busca desmarcarse de la tradición discursiva que ha conformado al otro-mapuche como una alteridad radical o como mero objeto-mercancía” (p. 10). Esse posicionamento ocasiona que os elementos da comunidade e do indivíduo se fortifiquem enquanto complexidades associativas.

Porém, no caso de análise desse trabalho, são as palavras e imagens do jornalismo narrativo cedidas à memória social, que adensam a maturação do *sujeto metafórico* pensado por Lezama Lima (2014). O sujeito, que torna-se um ponto convergente que unifica, conforme concretiza sua emancipação para mediar a política, a vida, a poesia e o imaginário. Então, se observa uma reiterada linha discursiva, que inclui a poética como centro da representação – e não mais o modelo informativo – que não nutre a mesma visão normalizadora da comunicação e da sociedade moderna/colonial e sua representação.

A *nueva crónica latino-americana* torna-se uma possível prática descolonial, torna-se opção dentro da matriz colonial dominante se utilizando da palavra poética como elemento contra-hegemônico dentro da comunicação. Incluso, se faz necessário apontar as

considerações de Erick Torrico (2010) sobre as origens do pensamento crítico latino-americano dentro da sociologia e da comunicação que sugerem uma raiz à autores que influenciaram tanto o grupo *decolonialidad/colonialidad*, como os estudos críticos em comunicação. Pensamentos como a da Pedagogia da Libertação e Filosofia da Libertação (que tinha também como teórico Enrique Dussel) contribuíram, segundo autor boliviano, na introdução de problemáticas que fundamentariam as práticas analíticas desses atuais grupos. O que nos leva a projeção de uma diversificada rede que “emerge ‘desde abajo’ para desafiar las estructuras estructurantes del mundo hegemónico.” (2014, p.16). Onde a linguagem e simbolismo do jornalismo narrativo se tornam uma ruptura descolonial do discurso público de legitimação social imperante. Pois, dentro da colonialidade do poder somos gente sem escritura e sem história (GROSGOUEL, 2008), com o imaginário e conhecimento colonizados (QUIJANO, 1992). O movimento normativo da comunicação empresarial é um eficiente instrumento de produção de sentido que desqualifica a família, a educação e a religião, e fortalece a hegemonia de classes dominantes (ALONSO, MARQUEZ, 2016, p.90). Por conseguinte, objetiva-se um avanço na reflexão conjunta dos decoloniais e da comunicação.

La visión del grupo [Decolonial] sobre el papel de la comunicación en nuestro contexto es simplista, no reconoce ni el valor de la cultura popular urbana ni la persistencia de la diferencia colonial que subyace a lo masivo, reincide en una mirada funcionalista de la comunicación e ignora los procesos de resignificación que realizan las audiencias, los cuales a veces son cómplices de la dominación pero otras veces la desafían y subvierten.” (RINCÓN, 2012, p.192)

No momento, no qual a comunicação se atualiza como pró-ativa nos golpes<sup>2</sup> políticos na América Latina do século XXI – “es momento de decolonizarnos sistémicamente, es momento de comunicarnos en la diferencia” (2014, p.12). Portanto, o debate que se propõe é expor os indícios de uma interação heterogênea de movimentos que atuam desvinculados, mas falam muito sobre os rostos que não detêm o conceito da *fiesta* multicultural de concepção eurocêntrica.

---

<sup>2</sup> Sobre golpes midiático ocorridos na América Latina a revista *América Latina em Movimiento* de ALAI realizou um dossiê. Cf. “*La comunicación en disputa*”. Disponível em: <<http://www.alainet.org/sites/default/files/alai513w.pdf>>. Acesso em: 22 de abr. 2017.



Essas breves indicações rascunham aprofundamentos de uma relação plausível com limites e críticas que começam a surgir. Como a percepção que a conformação de uma rede de *periodismo narrativo*, ainda não consegue diminuir barreiras de sua audiência e alcance, assim como também não transcende a força econômica de estabilidade de seus projetos (CRUZ, 2017). Por conseguinte, o processo de maturação desse diálogo passam pelas críticas apontadas por Juan Carlos Valencia Rincón (2012) que alimenta uma tentativa de ampliação do cenário de alteridades e resistências por parte da perspectiva decolonial. Exercendo, conseqüentemente, uma crítica interna que tanto o jornalismo narrativo, como o grupo *decolonialidad/modernidad* precisam resignificar em suas simbolizações políticas (BARNABÉ, 2006). Referência dessa crítica, Maldonado Rivera (2014) apostou concretamente no entendimento de narrativas comunicativas que romperam com a matriz colonial de poder. Uma leitura que coloca a necessidade de construir novos campos de interrelações. Porque quando Schwaab e Zamin (2015) falam do processo de narração do “outro” no jornalismo, e sua ênfase no reconhecimento de falas e histórias, eles estão reconhecendo as marcas deixadas pela *diferencia colonial* – teorizada por Mignolo (2009). O ato de escrever *crônicas* mapeia um processo intercultural que delinea a empatia como elemento de re-construção de identidades (ANGULO, 2014), que forma um *corpus* abrindo caminho da criação, fortificando um outro tipo de economia (AGUDELO, 2012) e outras relações.

Quando Callegaro e Lago (2012) detectem a abordagem de tensões interpretativas do momento sociopolítico, significa que *crônicas* estão refletindo experiências vividas. Ou ainda, a leitura de uma realidade via processo de *poiesis* (p.62), ao retomar imaginários que eram estruturados pelo mundo moderno/colonial indicado por Quijano e Wallerstein (1992). Como também, que as mesmas autoras visualizam um interesse – em vidas, em histórias – fora do que a agenda da imprensa hegemônica determina (p.4, 2015), é um análogo do que possamos entender a *colonialidad del saber* (LANDER, 2000) – uma superioridade epistêmica que se projeta-se sobre a verdade e o conhecimento de forma eurocêntrica. Assim como reparar na quebra da *colonialidade del ser* (MALDONADO-TORRES, 2007), fundamentação da vivência direta da colonialidade do poder, no qual a subalternização e suas conseqüências irão fomentar a atitude e o pensamento decolonial.

Dessa quebra é possível expor dispositivos que façam valer subjetividades de retratados e autores (DARRIGRANDI, 2013), transcendendo registros e cifras (RAMOS, 2011), para entender movimentos de emancipações do impacto colonizador ao escrever

histórias que desmontam o *mito da modernidade* (DUSSEL, 1994). Visualiza-se, ao falar de jornalismo, o preâmbulo das estruturas que envolvem a *colonialidade del poder* (QUIJANO, 2005). Pois é a atuação da mensagem midiática elitista sobre os corpos (BERTOLINI, 2016), como igualmente a aproximação necessária do pensamento decolonial do feminismo, já proposto por Arturo Escobar (p.72, 2003), utilizando de paradigmas a partir da comunicação desenvolvido por Márquez e Alonso (2016), que irão promover outros questionamentos e resoluções. A partir desse encontro, objetiva-se uma propulsão interdisciplinar sobre a leitura e o prognóstico de questões sociais de nossos povos. Compreender o envolvimento complementar da leitura jornalística, via expansão teórica decolonial é demanda de um movimento importante – agora integrante, processual e participativo.

### Referências

BARNABÉ, Mónica. Prólogo In: CRISTOFF, María Sonia (comp.). *Idea crónica: literatura de no ficción iberoamericana*. Beatriz Viterbo Editora: Buenos Aires. 2006

BERTOLINI, Jeferson. O corpo na esfera da mídia: entre representações sociais e biopoder. *Ação Midiática*, Curitiba, v. 4, n. 2, p.33-48, jan-jun 2016. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/43741/28466>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CALLEGARO, Adriana; LAGO, María Cristina. *La crónica latinoamericana: cruce entre literatura, periodismo y análisis social*. Quórum Académico, Maracaibo, v. 9, n. 2, p.246-262, 02 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199025105004>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. *Periodismo Narrativo: una mirada contrahegemónica sobre los sectores subalternos*. 2015. Disponível em: <[http://www.alaic2015.eci.unc.edu.ar/files/ALAIC/EJE9/alaic\\_9\\_17.pdf](http://www.alaic2015.eci.unc.edu.ar/files/ALAIC/EJE9/alaic_9_17.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2017.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón (Ed.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. 2007. Disponível em: <<http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2016.

CRUZ, Guilherme Silva da. *Narrativas do poder: o jornalismo narrativo como outra ferramenta de representação da política e do poder na América Latina*. Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 103-108, abr., 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/2CKiaY>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

DARRIGRANDI, Claudia. *Crónica latinoamericana: algunos apuntes sobre su estudio*. Cuadernos de literatura Vol. XVII, n.º34, julio-diciembre 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4398/439843031007.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

DUSSEL, Enrique. *1492 - O encobrimento do outro*. 1994. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20111218114130/1942.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

ESCOBAR, Arturo. *Mundos y conocimientos de otro modo*. Tabula Rasa, Bogotá, v. 1, n. 1, p.51-86, ene. 2003. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

GITLIN, Todd. *Mídias sem limite como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

GROSFOGUEL, Ramón. *A Decolonial Approach to Political-Economy: Transmodernity, Border Thinking and Global Coloniality*. 2008. Disponível em: <[http://www.postkolonial.dk/artikler/kult\\_6/GROSFOGUEL.pdf](http://www.postkolonial.dk/artikler/kult_6/GROSFOGUEL.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2017.

LANDER, Edgardo (ed.). (2000). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latinoamericanas. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales (FACES-UCV), Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC), 2000. 152 p.

LEZAMA LIMA, José. *Ensayos barrocos. Imagen y figuras en América latina* - 1ª ed. Buenos Aires: Colihue, 2014.

MALDONADO RIVERA, Claudio Andrés Maldonado. *Decolonialidad en las redes virtuales: El caso de Azkintuwe*. 2014. 676 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doctorado En Comunicación y Periodismo, Periodismo y Ciencias de La Comunicación, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2014. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/134681/camr1de1.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. 2007. Disponível em: <<http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad-del-ser.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Cruz Tornay; ALONSO, Martín Oller. *Comunicación, decolonialidad y género: representación de la subalternidad desde una perspectiva feminista decolonial*. In: \_\_\_\_\_. *Comunicación, Periodismo y Género. Una mirada desde Iberoamérica*. Sevilla: Egregius, 2016. p. 77-98.

MATA, María Cristina. *Comunicación y política: la imposibilidad de separarlas*. Ecuador: Agencia Latinoamericana de Información. América Latina en movimiento, año 40, 2016.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica (II), Pensamiento Independiente y Libertad De-Colonial*. Otros Logos, Neuquén, v. 1, n. 1, p.08-49, 2009. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/revistas/0001/mignolo.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

\_\_\_\_\_, Walter. *Habitar la frontera*. 2015. Disponível em:  
<[https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie\\_de\\_publicacion/interrogar\\_la\\_actualidad/habitar\\_la\\_frontera\\_sentir\\_y\\_pensar\\_la\\_descolonialidad\\_antologia\\_1999\\_2014](https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie_de_publicacion/interrogar_la_actualidad/habitar_la_frontera_sentir_y_pensar_la_descolonialidad_antologia_1999_2014)>. Acesso em: 07 jun 2017.

PUERTA, Andrés. *El periodismo narrativo o una manera de dejar huella de una sociedad en una época*. Anagramas, Medellín, v. 9, n. 18, p.47-60, jan. 2011. Disponível em:  
<<http://www.scielo.org.co/pdf/angr/v9n18/v9n18a04.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad y modernidad-racionalidad*, en Bonilla, H. (ed.), *Los conquistados, 1492 y la población indígena de las Américas*, Bogotá, Tercer Mundo. 1992.

\_\_\_\_\_, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. *Americanity as a Concept, or the Americas in the Modern World-System*. International Social Sciences Journal, No. 134, 1992

RAMOS, Alberto Salcedo. *La crónica: el rostro humano de la noticia*. 2007. Disponível em:  
<[http://bicentenario.fnpi.org/materiales/la\\_cronica\\_el\\_rostro\\_humano\\_de\\_la\\_noticia.pdf](http://bicentenario.fnpi.org/materiales/la_cronica_el_rostro_humano_de_la_noticia.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2017.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial: Fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. Disponível em: <<http://www.ramwan.net/restrepo/documentos/Inflexion.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

RINCÓN, JC. V.; (2012). *Mediaciones, comunicación y colonialidad: encuentros y desencuentros de los estudios culturales y la comunicación en Latinoamérica*. Signo y Pensamiento, v. XXX, n. 60, enero-junio, 2012, p. 156-165. Disponível em:  
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86023575011>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. *O jornalista e o Outro: sobre os vestígios da sondagem e da escrita*. 2015. Disponível em:  
<<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/680/626>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

TORRICO, Erick. *Emancipar a comunicação para sustentar a paz*. Comunicação & Sociedade, São Paulo, v. 32, n. 54, p. 173-190, dez. 2010. Disponível em:  
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/1644/2316>>. Acesso em: 07 jul. 2017.